

## A INDÚSTRIA DE ALIMENTAÇÃO E O PATRIMÔNIO CULTURAL EM PELOTAS

GERSON MACHADO ROSA<sup>1</sup>; BRUNO DE SOUZA CORRÊA<sup>2</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [gerson.machadorosa@gmail.com](mailto:gerson.machadorosa@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [souza.brunocorrea@gmail.com](mailto:souza.brunocorrea@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi, primeiramente, apresentado como a monografia final da disciplina de Patrimônio Cultural, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Louise Prado Alfonso, pertencente ao Bacharelado em Antropologia, durante o semestre de 2019-2. Essa disciplina, obrigatória no currículo referente ao 4º semestre do curso, visa debater questões pertinentes ao que se considera Patrimônio Cultural, através de conceitos como seleção patrimonial, estatuto de tombamento, políticas públicas de cultura, temporalidade e sociabilidade, por uma abordagem crítica da Antropologia Cultural/Social e da Arqueologia. Com base na análise de estudos de casos, a discussão na disciplina promove o repensar e a reelaboração das categorias pertencentes a atividade patrimonial e seus significados, ainda extremamente elitistas e excludentes, em sua maioria.

A cidade de Pelotas, fundada em 1815, se desenvolveu através da produção de charque e enriqueceu por meio do trabalho escravo, ainda no século XIX. Ao final do século XIX, pós período de escravidão, a cidade segue seu processo de formação com a produção rural de frutos e a industrialização dos mesmos, já com mão-de-obra imigrante (GUTIERREZ, 2001).

Este artigo tem como objetivo, ressaltar a importância da indústria de conserva e sugerir a patrimonialização dos prédios industriais de Pelotas, evidenciando sua participação fundamental para o desenvolvimento da cidade. Assim como, foram as charqueadas, único período valorizado nas narrativas hegemônicas. Por meio desta temática, o artigo visa criticar o aspecto elitizado da patrimonialização das charqueadas em detrimento da desvalorização dos prédios industriais, já que ambos contribuíram para a formação da cidade em diferentes temporalidades.

### 2. METODOLOGIA

Além dos textos propostos no programa da disciplina, somados às aulas expositivas, com participação de convidados e o referencial bibliográfico sobre o tema, a pesquisa para a elaboração do presente trabalho consistiu em:

- Primeiramente, uma pesquisa na seção de periódicos da Bibliotheca Pública Pelotense, com jornais do Diário Popular, datados da década de 1970;
- Em seguida, entrevistas formais com 2 ex-funcionários(as) de antigas fábricas de produção de alimentos em conserva, atualmente vinculados(as) a movimentos sindicais relativos à indústria de alimentos.

As entrevistas foram feitas na sede do Sindicato das Indústrias e Cooperativas de Alimentação, com uma abordagem etnográfica, procurando obter informações sobre o espaço e as condições de trabalho nessas fábricas. Por meio desses relatos sobre trajetórias de vida, foram suscitadas questões sociais e, nesse

caso, laborais da época da ascendência das grandes fábricas de alimentação em conserva na região.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas apresentadas sobre as indústrias da cidade de Pelotas discorrem para um aspecto de exploração dos trabalhadores, que produziam riquezas aos patrões e, com dificuldade, sustentavam suas famílias. Os fluxos desses trabalhadores transformaram a cidade, conforme afirma MACIEL (2017)

A instalação destas e de outras fábricas na região, como visto, vai de encontro com as políticas contra construção de cortiços em áreas mais centrais, os empurrando para regiões onde estavam instaladas fábricas. Assim como isso otimizava o tempo de deslocamento do trabalhador de sua residência até o local de trabalho, contribuía para uma proletarização e conseqüente marginalização da região oeste e a oeste do centro urbano e diminuía o rol de espaços de circulação desses grupos na cidade (MACIEL, 2017, p. 41).

Tanto documentos oficiais, quanto relatos orais, convergem quanto a irregularidade dos espaços, situações de alta temperatura, umidade e ruído, cujo valores excedem ao que é considerado, inclusive legalmente, salubre ou suportável por longos períodos de exposição. Além de ventilação precária e insuficiente, a utilização de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), embora fossem uma medida necessária e obrigatória, se tornava um problema para os trabalhadores. As luvas, botas e outras peças de vestuário causavam desconforto e eram, alegadamente, prejudiciais à saúde dos usuários. Nesse sentido, agravavam a sensação de calor e certamente favoreciam à fadiga e indisposição, como observado no relato de Lair de Matos, diretor do Sindicato das Indústrias e Cooperativas de Alimentação de Pelotas, que trabalhou na Cicasul - filial da fábrica Cica na região sul – no final da década de 1970:

Não chegava a ser um problema, pois na safra no período do pêssego cai bem no verão, então não atrapalhava muito, mas o fato por ser um ambiente de muita água no chão, as mulheres e os homens trabalhavam de botas que eram de plástico, sem dúvida era ela um problema de saúde e de conforto também. Por mais calor que tivesse, tinha que trabalhar assim, com aquele equipamento de proteção, que noutros setores também causavam extremo desconforto. Quem trabalhava do lado da recravadeira, que é a máquina que tampa a lata de comporta e ali tampava, empurrava a lata para mais adiante e a lata tinha que ser recolhida a mão, então a mulher ficava ali pegando, então a lata quente, lugar de muito vapor, até chegar na máquina, ela vinha aberta, com cauda quente, com muito vapor, muita umidade, às vezes chovia, por que o vapor condensava no teto e caía, encima das pessoas que estavam em baixo. Tinha que se trabalhar com óculos de proteção, o vapor sua os óculos. Muito quente o local. Tinha que trabalhar de avental, de luva e de bota e óculos de proteção. Era um 'inferno', muito quente. (Trecho retirado da entrevista realizada no dia 30 de janeiro de 2018, caderno de campo)

Pensando a questão patrimonial, os prédios que acomodavam as antigas indústrias não captam o mesmo status de glamour que as edificações do período escravagista. Além disso, a sua não patrimonialização contribui para o apagamento da história do proletariado e de todos imbróglis trabalhistas que se desenrolaram à época. Essa desvalorização, resulta no sucateamento desses prédios, que narram um período extremamente relevante para o desenvolvimento da cidade.

No anúncio de inauguração da Cicasul (Diário Popular, 1971), pode-se notar a euforia, por parte da rede Cica, na instalação de sua filial em Pelotas. Além das mensagens de iminente prosperidade que se queria trazer, nota-se a utilização de elementos da cultura e economia pelotense como forma de publicidade e como uma confirmação, entusiasmada, de bons negócios e sucesso na região. O anúncio destaca as imagens de prédios e monumentos tombados na cidade. A edificação onde foi a Cica, hoje abriga o Centro de Eventos, propriedade da CDL (Centro de Dirigentes Lojistas), onde é realizada anualmente a Fenadoce (Festa Nacional do Doce). Porém, as narrativas sobre o espaço e as condições de trabalho na fábrica, embora de extrema relevância para a história da industrialização na região, foram esquecidas, visto que nem a estrutura original do prédio foi mantida e a história do doce de frutas é invisibilizada.

A seleção de Bens Patrimoniais de Pelotas se deu por meio dessas narrativas eurocêntricas, que visam dar luz apenas a aspectos de requinte e nobreza da cidade repetindo, ao longo do tempo, o apagamento de fatores que não se encaixam nesta proposta. Isso explica a ausência da valorização dos prédios industriais, que contam a história do proletariado, grupo marginalizado, que mesmo sendo o principal ator dessas histórias, não atrai a curiosidade de um público que constrói as narrativas oficiais.

Trata-se de uma história marcada pela presença de grandes homens e a riqueza do Charque, que valoriza como temporalidades a época das charqueadas que se atualiza no presente, por intermédio do tombamento dos casarões do centro histórico da cidade, que privilegia uma determinada história, classe social, gênero e etnia. (ALFONSO; RIETH; 2016).

Quanto ao cotidiano de uma fábrica de produção de pêssegos em conserva, na década de 1970, cujo nome não é explicitado no artigo do jornal pesquisado (Diário Popular, 1972), além da complexa divisão de funções na seleção e lavagem das frutas, o artigo apresenta aspectos comuns de fábricas da época, como o número aparentemente absurdo de pessoas que se amontoam de forma visualmente apertada em um dos pontos da fotografia. Também se destaca a predominância de uma mão-de-obra composta por mulheres. Como relata Enerstina dos Santos Pereira, que atualmente preside o Sindicato das Domésticas de Pelotas e tem relações com o Sindicato de Indústrias e Cooperativas de Alimentação, muitas dessas mulheres eram, na temporada inversa a safra de pêssego, empregadas domésticas que se dirigiam às fábricas para regularizar sua condição profissional, pois muitas não sabiam que o direito a carteira assinada para domésticas já fosse garantido na época.

Quando vim pra cidade, fui trabalhar como empregada doméstica, então trabalhei assim...95, 96, 97, 98 em fábricas, mas as fábricas eram assim. Eu mesmo não tinha conhecimento de que era lei obrigatória, desde 1972, que era obrigatório empregada doméstica ter carteira assinada. Então eu ia pras fábricas pra assinar a carteira, quando meus patrões viajavam, pra descontar a carteira da previdência social. Minha mãe também fazia este tipo de trabalho de empregada doméstica, porque os patrões não assinavam a carteira, e a gente não sabia que era obrigatório. (Trecho retirado da entrevista realizada no dia 30 de janeiro de 2018, caderno de campo)

#### 4. CONCLUSÕES

Segundo os apontamentos aqui citados, podemos concluir que há uma necessidade de mudança no que se refere à seleção patrimonial de Pelotas. É

indispensável mudar o conceito de cultura instaurado na cidade, para só então, ser possível dar valor, reconhecimento e visibilidade a diferentes atores que construíram Pelotas, em especial as pessoas escravizadas e o proletário, não apenas o senhor de escravos e o empresário da indústria. Todas essas narrativas precisam ser visibilizadas, de forma que não perpetue o apagamento histórico da participação de grupos marginalizados na construção da cidade.

A patrimonialização dos prédios industriais seria fundamental para o reconhecimento da importância deste período da construção da cidade. Ademais, a valorização dos mesmos poderia configurar um meio pelo qual se retribui a essa população, grupo de trabalhadores, o devido reconhecimento na história da cidade. A proposta trata-se da constituição de políticas afirmativas que visem a reformulação da ideia coletiva de patrimônio cultural que se desenvolveu na cidade.

Com a evidência da participação de grupos marginalizados no importante processo de industrialização nacional, podemos obter um entendimento muito mais aprofundado da história, bem como promover o reconhecimento da relevância desses agentes na construção de patrimônios mais diversos e equânimes.

Como último adendo, ressaltamos a importante contribuição da disciplina de Patrimônio Cultural para nossa formação acadêmica enquanto estudantes de graduação e possíveis profissionais da área no futuro, por nos proporcionar abordar as questões patrimoniais com mais sensibilidade e engajamento às causas sociais e o sistemático apagamento histórico de grupos subalternizados e marginalizados.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSO, L. P.; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, C. B., PELEGRINI, S. C. (Org.). **Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios**. 1ed. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016, v., p. 131-147.

GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas & Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária - UFPel, 2001.

MACIEL, Leticia Nörnberg. **“Tem lamentos desses negros que foram enforcados aqui”: Estudo arqueológico da Praça Cipriano Barcelos** (Pelotas, RS). 2017. 134 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia – área de concentração em Arqueologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

## FONTES PRIMÁRIAS

DIÁRIO POPULAR – 10/12/1971

DIÁRIO POPULAR – 8/01/1972

Entrevistas realizadas em 30 de janeiro de 2018, caderno de campo